

EDITORIAL

Constantemente, somos submetidos a mudanças, por desejo ou imposição. Encarar o novo geralmente nos fortalece mesmo causando desconforto e receio, pois sabemos: “que o novo sempre vem...”.

Chegou o momento da *DLCV: Língua, Linguística & Literatura* passar por transformações. As adequações pautaram-se nas exigências da ABNT nas NBR 6021:2015 e NBR 6022:2018, alterando o leiaute, principalmente. No próximo volume, buscaremos ousar muito, transgredir mais, a fim de não ecoar o refrão da música de Belchior: “Minha dor é perceber/ Que apesar de termos feito tudo o que fizemos/ Ainda somos os mesmos e vivemos/ Como os nossos pais...”.

O número inicial do décimo quarto volume da revista é composto por treze artigos; dez integram o Dossiê sobre Clarice Lispector e três discutem o lugar das margens na literatura a partir da (auto)representação.

O dossiê sobre Clarice Lispector (1920-1977), apresentado pelo Prof. Hermano de França Rodrigues, é resultado das mesas-redondas e conferências do I Congresso Nacional de Estudos Lispectorianos que ocorreu em novembro de 2017, na Universidade Federal da Paraíba, sob a organização do Grupo de Pesquisa Literatura, Gênero & Psicanálise (LIGEPSI), em parceria com o Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) e a Academia Paraibana de Letras (APL).

A sessão de artigos que o dossiê inicia-se com o texto de Francielle Silva Santos, *A literatura de autoria indígena em Juvenal Payayá*, que propõe uma outra leitura para os textos literários de autoria indígena publicados no Brasil, por meio das obras do cacique Juvenal Payayá. Em suas produções literárias, ele evidencia os processos de retomada da terra, a construção narrativa presente nos modos indígenas de escrever sobre as suas comunidades, além de problematizar o lugar destinado à literatura produzida pelos escritores dessa vertente literária no imaginário nacional.

Maria Aparecida Saraiva Magalhães de Sousa e Liane Schneider, em *A construção da mulher nos contos maravilhosos*, lançam um olhar sobre os estudos em torno das origens e desenvolvimento dos contos maravilhosos,

observando como se deu a representação da mulher em tais construções, atentando para as alterações sofridas na imagem da mulher ao longo dos tempos, a fim de buscar compreender o contemporâneo a partir de “A moça tecelã”, de Marina Colasanti (1994).

Finalizamos este número com o texto *Não existir não é defeito porque o todo é só uma parte da história que se conta do incontável*, de Gustavo Capobianco Volaco, que discute a formulação lacaniana que versa sobre a inexistência da Mulher a partir do romance *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves.

Que a leitura sempre nos conduza a lugares significativos, sem temer os perigos da esquina e vislumbrando um sinal sempre aberto para desvendarmos os nós.

Ana Cláudia Félix Gualberto